

UMA FIGURA QUERIDA DE CAMPINAS

O Dr. TOMAZ ALVES NUM TRABALHO DE PELAGIO LOBO

Um regresso das belas letras que enobreceram a medicina em Campinas

-- A atividade do clínico e as rodas jornalísticas -- A fundação da Maternidade

No circulo das relações de intimidade de minha familia ocupavam posto de saliência alguns sacerdotes e alguns médicos, respeitaveis ou por suas virtudes ou por créditos de inteligência e de cultura, quando não por todos esses dotes concentrados e apurados em invejável harmonia. Cresci no conhecimento de figuras simpáticas e afaveis e o curso dos anos só tem concorrido para acentuar essas virtudes na visão de minha memória ou engrandecê-las na minha admiração. Pratico frequentemente essas voltas ao passado, recordando os homens que conheci e estimei e essa evocação, feita em horas silenciosas, causa-me um bem extraordinário, bem que será, certamente, conseguido por todos quantos realizem, pela imaginação, esses regressos ao passado e o comparem com as horas presentes, tão cheias de angustias e de dúvidas, e nas quais se movimentam pessoas e organizações com uma tão diversa concepção de dignidade aconselhada pelos clássicos entre eles Cicero e Seneca, que discorreram sobre a amizade, a velhice e as meditações solitárias seus meritos e seus confortos, e não tenho duvida em receita-lo para os homens que se sintam invadidos de desanimo ou de amargura neste periodo bravio e crú dos tempos correntes.

Vou continuar esta serie com algumas figuras superiores e poderei hoje em foco uma de primeira plana - pela intelligencia pelo encanto pessoal, pelo prestigio enorme que conquistou neste Estado, e particularmente em Campinas, durante os trinta e cinco anos ativos e efficientes que ali viveu, repartindo a sua incessante faina entre o exercicio da profissão de medico e na colaboração decidida, e sem contar a sua preciosa comunhão de esforços numa boa administração municipal a que tambem soube ser

vir devotada embora esporadicamente.

Evoco hoje a figura de Tomaz Alvez Filho, carioca de origem, filho de gente de alto lustre intelectual na Côrte, a família dos Melo Alves em que esses predicados se manifestaram, por virtudes domesticas insignes nas mulheres e por manifestações de talento e generosidade, disfarçadas em expansões boemias nos homens, expansões que, todavia, nunca marcaram a reputação e o conceito de nenhum deles.

Essa complexa e sedutora individualidade terá que ser recordada, por agora, em sua primeira fase, a de sua intensa e brilhante atividade literaria, na Côrte, nas rodas de jornalistas que se agrupavam nas mesas e salas de antiga "Gazeta de Noticias", atividade que se encerra em 1882, após lo meses de colaboração na "Gazeta de Campinas". E vamos acompanha-la nos anos seguintes, em que o jovem medico dono de um estilo terço e de invejavel flexibilidade, tendo quebrado a pena de escritor e de cronista, consagrou-se, integralmente, ao formulario de suas receitas e à assistencia da sua clientela. Só não alterou, nem poderia modificar, a veia superiormente ironica que nele se manifestava, permanentemente, na roda dos amigos intimos ao criticar pessoas e fatos, da terra ou de fora dela, com esse poder de observação e de sintese que é um dom inato nos grandes palestradores.

Tomaz Alves nasceu no Rio de Janeiro no dia de Natal, em 1857, e parece que a coincidência dessa vinda ao mundo na mesma madrugada em que a ele viera o Menino-Deus, teria que influenciar a formação do seu carater, tecido sobre uma bondade e uma generosidade que entram, em geral, na contestura dos corações dos santos.

Seu pai foi um jurista de grandes meritos, o dr. Tomaz Alves Junior, formado pela nossa Academia em 1854, na mesma turma a que pertenciam Antonio de Queiros Teles Junior (depois Visconde de Parnaiba), Felix Xavier da Cunha, Francisco Januaric da Gama

UMA FIGURA QUERIDA DE CAMPINAS

(cont.)

- fls. 3 -

Cerqueira (pai do insigne professor L. B. da Gama Cerqueira), Rodrigo A. Monteiro de Barros, Sebastião Pereira (que administrou São Paulo e, pelos seus meritos e atos beneficos no governo, tem o seu nome numa rua que sai do largo do Arouche), Luiz Silverio Alves Cruz (filho de velho tronco campineiro, que serviu ao partido conservador, na edilidade campineira e na Assembléia Provincial), Francisco Xavier Paes de Barros (mais tarde Barão de Tatui, grande figura da nossa velha nobreza social) e, alem de outros José Maria Correia de Sá e Benevides que tem o seu nome ligado indissolavelmente à velha Academia, como lente que foi e dos mais acatados e rigorosos, ligação essa que continuou através do genro, o invidavel professor Gabriel de Rezende e que ainda se prolonga nobremente sustentada pelo neto, o professor Gabriel de Resende Filho, actual director da Faculdade.

O dr. Tomaz Alves Junior já possuia em alta dose a vivacidade de apreciações na palestra e nos estudos teve atuação destacada na advocacia, na antiga Côrte após breve passagem por postuma alta politica, como presidente da provincia de Sergipe. Seu nome ficou mais conhecido e acatado pelas suas obras jurídicas, pelos dois volumes de comentarios ao livro que era o precioso vademecum dos antigos oradores judiciarios. Código Criminal do Imperio. É muito provavel que o academico da turma de 54, nas suas expansões no seio da familia, casado que foi com uma senhora de notavel intelligencia, d. Emilia de Melo Alves, se referisse à agitação dos seus tempos de estudantes e às patuscadas em que havia tomado parte. Seus filhos, entre os quais o nosso biografado e um outro João Tomaz que aqui foi juiz proecto, pois suas blagues não afetavam a seriedade e correção com que exerceu em São Paulo a magistratura - sentiram a atração da terra paulista e aqui se vieram fixar: Tomaz Alves Filho formado em medicina em 1881 e João Tomaz em direito, na turma de 1882.

Ambos haviam cursado como era de praxe nas famílias cariocas, o Collegio D. Pedro II, Tomaz teve ali, entre outros condiscipulos. Miguel Lemos, depois chefe da Igreja Positivista Brasileira, e companheiro de Benjamin Constant e Teixeira Mendes. Durante o curso ginásial) foi aluno de intelligencia destacada e dividiu com Miguel Lemos a laurea dos "distintos" da sua classe e começou a revelar qualidades raras de escritor, aprimorando o estudo na leitura dos mestres consagrados. Esses mestres eram em maioria os portugueses. Mas, nos ultimos anos ginásiais durante todo o curso medico, de 1876 a 1881, a influencia literaria francesa o empolgou como estava empolgando toda a sua geração. E repontou, no estudante de medicina, um esplendido cronista, que Ferreira de Araujo atraiu logo para o seu jornal, verdadeiro curso de preparação dos futuros literatos do Brasil. É provavel que a preparação científica tivesse sido sacrificada por essas preferencias literarias, mas Tomaz Alves supria a desvantagem com a extraordinaria intelligencia e com a acuidade e penetração que mais tarde revelaria no exercicio da profissão.

Estava em voga, entre os jovens jornalistas e escritores que faziam a guarda avançada das correntes literarias, o naturalismo que nos vinha da França nas obras de Flaubert e Zola. Com a lingua francesa, os rapazes - entre os quais Tomas Alves, Artur Barreiras, Artur ~~dáv~~Alveira, Lucindo Filho e alguns outros - davam à lingua uma esbelteza nova e um colorido mais rico, conservando dos modelos do nosso vernaculo a riqueza do vocabulario e a correção impecavel da sintaxe.

Na "Gazeta" começaram a aparecer em 1879 esses trabalhos literarios sob o pseudonimo de Hop-Frog e essa colaboração se estendeu pelos anos proximos, até janeiro de 1882, data em que se mmudou para Campinas. Eram contos de uma admiravel feitura, em que o os mestres franceses deixam transparecer suas longinquas reminiscencias pela maneira de tratar os temas colhidi^{os} ao natural e sem

aquela preocupação de descrever quadros torpes ou cenas de alcouce que inficionaram alguns dos nossos escritores, da chamada "escola realista". Muitos dos contos do Hop-Frog - e é pena que não tenham sido reunidos em volume - poderiam ser lidos hoje com enlevo, porque igualam o que ha de melhor nesse difícil e perigoso genero de q que Maupassant foi o mestre insuperado.

Na serie de conferencias que aqui realizou em 1917, sobre Machado de Assis , no mais completo estudo até hoje feito sobre o criador de "Quincas Borba" e "Dom Casmuro", Alfredo Pujol dedicou a Quarta aos contos de Machado de Assis produzidos na fase de ascensão do escritor que coincidiu com a aparição da pleiade de de poetas e prosadores - os novos de 1879 - pleiade "viçosa e gá galharda cheia de fervor e convicção", observando que a musa romantica espirava e começavam a aparecer os parnasianos, então apontados como os revolucionários... Nesse arrolamento dos inovadores, ao lado de Artur de Oliveira (irmão de Alberto de Oliveira), "espirito peregrino que viveu mais pelo verbo do que pela ne", coloca Pujol o nome de Tomaz Alves, pelo seu pseudonimo literário entre os maiores da geração:

"Poucos também saberão nos dias que correm, quem foi Hop-Frog... Está bem perto de nós. É o sr. Tomaz Alves Filho, que há mais de trinta anos exerce a clinica médica na cidade de Campinas.

"Tomaz Alves Filho sob o pseudonimo de Hop-Frog, foi o primeiro contista brasileiro, filiado ao naturalismo. Eça de Queiroz e o autor da "Comédia do Campo" foram talvez os seus melhores modelos, mas o discipulo fez desde logo obra de mestre".

.....

"Naqueles folhetins da "Gazeta de Notícias", hoje completamente desconhecidos, surgia assim a nova escola, dissecando as minucias mais imprevistas do mundo exterior, num estilo forte, vibrante, cheio de surpresas no raro vigor descritivo e na rutilante clareza da expressão.

Mudando para São Paulo e indo fixar residência em Campinas, provavelmente atraído pelas notícias da opulência daquela zona cafeeira no fim do decênio do seu incontrolável fastígio, o escritor ainda manteve, no correr de 1882, contato íntimo com a literatura, formando no grupo de jornalistas e polemistas da propaganda que faziam da "Gazeta de Campinas" seu quartel general, sob o comando do cintilante Quirino dos Santos. Ali ainda escreveu 14 crônicas, entre elas, e das melhores - "Biografia de uma flor" - "Debandada" - "Um trecho de vida" - "A morta" - "A mania do sineiro" e a última delas, em 10 de dezembro de 82 - "A vespera do noivado" . Mas nesse mesmo ano, o medico-cronista casou em Campinas com uma filha do major Manoel Reginaldo de Moraes Sales, d. Etelvina e com esta formou um lar feliz, assistido pela vigilante companheira; - e essas docçuras da nova vida, para um rapaz inteligente, insinuante, mas até entãc sempre envolvido pela sedução das rodas literárias, com seus excessos boemios e suas inevitáveis pagodeiras - levaram-no a quebrar a pena e a abandonar, de uma vez, aqueles sedutores desvaneios. Se continuasse - teria sido, sem dúvida, um dos nossos escritores consagrados. Mas a medicina ganhou um sacerdote de alto padrão, que honrou e serviu à população campineira desde aqueles anos de 84 a 88, que foram os da preparação das reformas fundamentais - Abolição e República - e nos anos seguintes em que tres epidemias seguidas de febre amarela assolaram a cidade, abatendo a sua riqueza, dispersando as suas grandes fortunas e pondo à prova a coragem e a abnegação de sua classe médica, da qual Tomaz Alves começou a ocupar um posto de singular destaque. Aliás, a vida agitada e bulhenta de jornalistas e literatos, naquele periodo de agitações políticas, teria, certamente, que sacrificar a carreira do jovem médico; e ele que, nos anos de curso academico no Rio chegara, com os boemios de sua roda, a apurar não só o estilo de prosador, mas até as agilidades de brigão, fazendo um curso de capoeiragem com um dos fulas, catedrático em "rabos de araraia" num centro daquele esporte de defesa pessoal, hoje destronado pelo jiu-jitsu, converteu-se no mais pacato dos

chefes de familia, absolvido pela visita à clientela na cidade e resumindo suas excursões a uma ou outra saída pelas fazendas do município e, de tempos, uma sortida para estações de aguas, ou para a Europa. Era um leitor insaciavel, e, quando, de tiburi, percorria as ruas da cidade - antes da chegada de automoveis - era sempre visto com o nariz mergulhado nos livros - e estes nem sempre eram da medicina...

Andava em dia com o movimento literario, e científico do Brasil e do estrangeiro. E amenizava a dureza da profissão com aqueles inocentes refugios intellectuais. De outros aspectos de sua actividade falaremos no proximo artigo.

A classe medica de Campinas, no periodo inicial da actividade de Tomaz Alves já contava muitas figuras de alto porte, cujos nomes se propagavam, nas asas da fama, para outros pontos do Estado. Sem falar na figura tão pitoresca e cheio de contradicções do dr. Ricardo (Ricardo Gumbleton Daunt), que não dispeneava sava a sobrecasaca preta, botinas de verniz e cartola, completada a indumentaria com um guarda-sol vistoso de cabo retorcido - figura estranha que o proprio Tomaz Alves relembra em caricaturas magistras, ali trabalhavam outros medicos de renome : Candido Barata Ribeiro, Cassiano de Noronha Gonzaga, Guilherme da Silva, o Visconde de São Valentim (dr. Valentim da Silveira Lopes), Pereira Lima, João Guilherme da Costa Aguiar e alguns mais, compondo, um grupo ao qual se juntariam em breve outras figuras illustres entre as quais Vieira Bueno, da quem escrevi dois rodapés, e o lucidissimo Braulio Gomes.

Em 1882 estava a lavoura campineira de café em seu maior fastigio: o municipio era rico e as fortunas dos lavradores se derramavam em realizações de grandes arrojos. Na direcção clinica da Santa Casa estava Guilherme da Silva que seria, mais tarde, o companheiro inseperavel de Tomaz Alves, pouco mais ve-

lho do que ele e formado dois ou tres anos antes. Entrara o jovem medico com decisão na atividade profissional, procurando desatar os compromissos que assumira na familia dos literatos, cercados, já então, de muito má fama. Naquela decênio que precedera a proclamação da Republica a agitação politica era intensa; Campinas era quartel general da propaganda, e os chefes do movimento conquistavam prosélitos em todos os setores. Tomaz Alves, ligado pelo casamento a uma senhora da familia dos Sales, tinha que colaborar, como colaborou, na campanha, desenvolvendo, aliás, suas tendencias animosas já demonstradas desde os tempos de estudante.

Dos seus contemporaneos do Colegão Pedro II recordava ele, em palestras, o futuro chefe positivista Raimundo Teixeira Mendes e o escandalo que este provocara em 1873 ao recusar juramento regulamentar, pelo que lhe foi negada a colação de grau. Nas rodas de republicanos exaltados contava colegas e amigos, jornalistas e medicos; não era, pois, novidade que viesse a engrossar as fileiras da falange republicana e abolicionista de Campinas.

Aos dotes de inteligencia, de perspicacia e de fluencia na exposição de ideias e convicções acrescentava um poderoso encanto pessoal e uma simpatia dominadora. A figura era já de si atraente: belo tipo de homem, claro e esbelto; e, fazendo contraste com a juvenil apparencia e as belas cores, ostentava uma cabeleira que, aos vinte e cinco anos, já era grisalha e aos trinta inteiramente branca, com uma alvura de pasta de algodão. Aliás, os Melo Alves encaneciam muito cedo e os que aqui conheceram o juiz, João Tomaz, poderão confirmar essa noticia.

Por aquele tempo, desligado embora de compromissos maiores com as "belas letras", como se dizia, não se afastava da roda dos escritores e polemistas que na "Gazeta de Campinas" faziam ponto de reunião - Quirim

pos Sales, Glicerio, Jorge Miranda, Americo Brasiliense, Julio Ribeiro, João Vieira de Almeida e o bloco dos jovens no qual se enfileiravam muitos dos nossos politicos da primeira Republica. Ao lado disso, e sem sacrificio da atividade clinica, frequentava ele a roda que o livreiro francês Alfredo Genoud formara em sua residencia, em encontros mensais, com almoços suculentos, ririgados por uma vinhança copiosa e do melhor estilo, importada diretamente da França, e nos quais a esposa do anfitrião demonstrava seus recursos culinarios aprendidos na boa escola da cosinha provincial francesa. Ali se encontravam Tomaz, Pereira Lima, Pedro Sanchez de Lemos, o padre Sena Freitas, Glicério, Hipolito Pujol, Guilherme da Silva e um ou outro patricio do dono da casa. As palestras - ao que me narrou Pedro Sanches - eram vivas e variadas, e Madame Genoud nelas intervinha quando o entusiasmo começava a acender labaredos no olhar dos comensais. De uma dessas reuniões, com menú de pratos excitantes e Bourgognes generosos, saíram Tomas Alves e Pedro Sanches mais cedo, dando o braço ao já trôpego Sena Freitas, que se excedera nos "goles", enquanto Glicério e Guilherme da Silva se encarregavam do transporte do Sr. Pereira Lima que, pouco acostumado a esses prelios de garfo e copo, fraquejara na primeira mistura enquanto os outros, mais fortes e treinados entravam a fundo na adega do pacato e sorridente anfitrião, sem darem mostras de fraqueza.

Aos dotes de escritor elegante e desempenado - dotes que conservou até o fim da vida, acrescentava Tomaz Alves uma verve esfusiante na caricatura. Quando em visita médica a alguns amigos de maior intimidade, depois de formulada a receita, passava a rabiscar, com a pena, folhas esparsas e ia desenhando figuras de colegas com uma extraordinária naturalidade. Do dr. Ricardo que nunca consentiu, em ser fotografado, fazia ele, em poucos traços, uma caricatura que, para os que conheceram o cons

(cont.)

picuo médico irlandês substituiu perfeitamente um retrato a óleo. E, assim, Pereira Lima, Vieira Bueno, Bento Quirino e o engenheiro José Pereira Rebouças.

- 0 -

Proclamada a República, e muito embora já fossem curtas as horas do dia e da noite que consagrava à sua clientela, a mais vasta de Campinas e das terras vizinhas, nela se confundindo ricos, que pagavam, e pobres e remediados que nunca pagaram um tostão - entrou na composição da primeira Câmara, nomeada pelo Governador Prudente de Moraes e empossada em janeiro de 1890, juntamente com Antonio Lobo (presidente e, por lei, chefe do executivo), Luiz de Pontes Barbosa, Joaquim Ulisses Sarmiento, José Pereira Bueno, Herculano Pompeu de Camargo, Antonio Lapa, A. F. de Andrade Couto e alguns outros que serviram como substitutos. Essa Câmara se manteve até o governo de Américo Brasiliense, que a derrubou e substituiu por outra. Com a queda do governo de Américo Brasiliense, voltou Tomaz Alves, a pedido insistente do governo de Cerqueira Cesar, a servir à municipalidade, já então como presidente. Mas afastou-se da teia política, só voltando a servir como vereador, eleito em 1899, na Câmara presidida pelo dr. Carlos Guimarães.

Era a Câmara de transição política nacional de Prudente a Campos Sales destinada a reconquistar a ala glicerista que se colocara à margem desde 1897.

Nesses trabalhos, embora sem rigorosa continuidade, Tomaz Alves exercia invariavelmente uma função de dissipador de prevenções e aplainador de pequenos desentendimentos: - pela preponderância social que conquistara, estimado com fervor por todos os colegas e pelos antigos correligionários era ela a grande voz e a grande força apaziguadora e unitiva da Municipalidade valiosamente apoiado na Câmara de 99 pelos drs. Adriano de Barros, Paulo Machado Florense, Candido Gomide,

Candido Alvaro e o brasileiro de Portugal João Fdra Francisco Ferreira Jorge. Findo o mandato dessa Camara e empossada a seguinte, que iria ter uma existência agitada, pelo movimento de insubordinação dos marchantes de carne verde que o intendente Antonio Lobo enfrentou com decisão, Tomaz Alves nunca mais voltou a servir em cargos eletivos de administração pública e recusou, mais de uma vez, os convites sedutores para entrar na chapa da deputação estadual. Quando era necessário, no preparo de pleitos fervorosos, saia ele num trabalho de cabeça a que ninguém resistia e assim confirmava uma solidariedade que as questiunculas partidárias jamais arrefeceram. Essas escaramuças ocasionais não o desatavam, porém, da clínica.

É que sua vida já se sentia confundida com as vidas dos seus doentes e a sua atividade proficua se afrisolava na assistência à gente pobre e miserável. Fôra até 1899, como em geral os médicos antigos, clínico e cirurgião, impondo-se, nesses dois ramos, com a mesma autoridade.

Sofreu, porém, um gravíssimo acidente no curso de uma operação: - no velho "Teatro São Carlos", - feriu-se com o bisturi e apanhou uma infecção que quase o levava à cova. Acorreram a Campinas as sumidades médicas do Estado e Carlos Botelho o operou com destreza; salvou-lhe a vida mas teve que inutilizar os movimentos do indicador da mão direita. Tomaz Alves abandonou, desde então, a cirurgia. Instalara um consultório no centro da cidade, abastecido por vasto instrumental adquirido na Europa. Depois desse acidente a parte cirurgica ficou entregue exclusivamente ao seu novo companheiro de escritório, dr. Amancio da Cunha Mota, que, em pericia e segurança, emparelhava com os mais perfeitos artistas do bisturi de São Paulo.

No ultimo quartel de sua existência promoveu Tomaz Alves, numa conjunção de esforços com o dr. Francisco Bettim Paes Leme, a fundação de uma maternidade, para as puerperas sem recursos financeiros e também para as de recursos, que, muitas vezes, sucumbiam, ante à falta de uma instalação adequa-

(cont.)

da e de pessoal adestrado, que pudesse atender com presteza a esses transes inesperados.

Não fosse o trabalho conjugado desses dois médicos e a "Maternidade de Campinas" não teria vindo, como veio, para servir ao município campineiro e a municípios vizinhos e, mesmo distantes do interior que para ali encaminham suas gestantes.

Foi esse o seu último trabalho em moldes largos, visando a assistência pública e particular. A semente que lançou à terra frutificou prodigiosamente. E ainda agora, a quem passe pelo hospital que os dois médicos idearam e tiveram a audácia de instalar, com o apoio da classe e de toda a sociedade campineira; ainda gora, a quem passe pela rua Andrade Neves, os bustos em bronze de Tomaz Alves e Francisco Betim erigidos entre flores e gramados risonhos se impõem como dois guardas vigilantes a reclamarem silêncio e respeito para as aflições e dores que se advinham atrás das paredes daquela instituição.

- 0 -

Em 23 de abril de 1920, com 63 anos de idade, mas com um vigor físico que prometia vida mais longa, faleceu Tomaz Alves em sua residência de Campinas, na mesma casa alugada que ocupou durante cinquenta anos - casa que muita gente acreditava fosse de sua propriedade.

Seus funerais foram demonstração eloquentíssima de uma consternação pública que só se dispensa aos vultos de exceção, que a consciência popular coloca numa altura intermediária entre os homens e os santos.

A obra literária de Hop-Frog lhe havia dado um posto de relevo entre os melhores artistas da pena no Brasil. Essa glória entretanto passou - ou passará - como outras tantas glórias de que os homens costumam envaidecer-se. Mas a benemérita do médico, pelos desvelos de meio século consagrado aos doentes necessitados, essa não passa prontamente: - e, ainda

agora, apesar da mutação do cenário da cidade e da sua população, o nome desse sacerdote da medicina é repetido e abençoado pela geração que o conheceu e, assim, transmite essas bênçãos à outra geração. No busto de sua herma, na mais bela praça da cidade, revive, com fidelidade, aquela formosa cabeça e o olhar talhado no bronze, parece ter ainda expressão que tinha o original vivo. No cemitério da Saudade, outro busto indica o lugar em que repousam seus despojos, quase ao lado dos do dr. Guilherme da Silva. Os clínicos ilustres, amigos de tantas horas felizes e solidários em tantos sustos da clientela, repousam par a par, por uma feliz destinação, acolhidos na mesma terra de Campinas, mãe adotiva que eles serviram e honraram como os melhores dos seus filhos.

000

Concis Populac. Campinas 4-IX - 1948